

CAPÍTULO 4

A profissão de jogador de futebol sob o olhar dos sociólogos franceses

Frédéric Raser

Universidade Lyon 2, França

No contexto dos debates sobre como as ciências sociais brasileiras e francesas abordaram o futebol como objeto de pesquisa, quero retomar mais especificamente neste capítulo a maneira como os sociólogos franceses se interessaram pelo exercício da profissão de jogador de futebol, além de mostrar como eu mesmo desenvolvi meus objetos de pesquisa nessa área. Esse objetivo geral requer algumas observações preliminares. Primeiro, tratarei aqui apenas de trabalhos voltados para a prática masculina do futebol profissional, que, aliás, continuam sendo os mais numerosos. Para um panorama das pesquisas da sociologia francesa sobre o futebol feminino, remeto o leitor ao capítulo 8, escrito por Camille Martin neste livro. Em segundo lugar, o foco no estudo do exercício da profissão de jogador de futebol me levou a não abordar aqui uma série de trabalhos sociológicos que tratam do futebol profissional mas que não se concentram especificamente no exercício da profissão de jogador propriamente dito, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Manuel Schotté dedicado ao “valor do jogador de futebol”, que analisa as

condições sociais que fazem com que certos jogadores sejam altamente remunerados e gozem de grande reconhecimento simbólico (Schotté 2022). Por fim, a escolha de apresentar grandes tendências observáveis ao longo do tempo exigiu um necessário trabalho de tipificação, que pode ter deixado algumas pesquisas em segundo plano.¹ Em um primeiro momento, insistirei no fato de que, até o final dos anos 1990, os sociólogos franceses pouco se interessaram pelos jogadores de futebol profissionais em si, em termos de suas práticas e representações, embora tenham desenvolvido estudos sobre os mecanismos de profissionalização do futebol francês. Em seguida, mostrarei que, a partir do início do século XXI, os estudos sociológicos dedicados à profissão de jogador de futebol se concentraram sobretudo nas condições de ingresso nessa profissão. A partir disso, voltarei aos interesses que me levaram pessoalmente a desenvolver uma sociologia dos jogadores enquanto trabalhadores, para além do momento de ingresso na carreira profissional. Por fim, apresentarei as principais questões de uma pesquisa de longo prazo que venho conduzindo sobre o pós-carreira dos jogadores profissionais.

1. UMA SOCIOLOGIA DA GÊNESE E DA ESTRUTURA DO FUTEBOL PROFISSIONAL FRANCÊS

Até o final dos anos 1990, os sociólogos franceses pouco se interessaram pelos jogadores de futebol profissionais enquanto atores soci-

1 Para um panorama mais completo sobre o tema, remeto ao livro escrito em parceria com Stéphane Beaud (Beaud e Raseira 2020).

ais, pois não estudavam de perto suas práticas e representações cotidianas. Os primeiros trabalhos sociológicos dedicados ao futebol profissional focaram no estudo do espetáculo esportivo.² Os autores buscaram compreender sua popularidade e suas variações locais e nacionais. Nessa perspectiva, o futebol é abordado como objeto de representações e crenças. Consequentemente, os jogadores são analisados sobretudo por sua capacidade de representar grupos sociais, não sendo estudados por si mesmos (ou apenas de maneira muito secundária). Esse ponto de vista está presente na obra pioneira de Christian Bromberger e colaboradores (Bromberger, Hayot e Mariotti 1995), assim como em vários artigos do dossiê temático da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* sobre os “desafios do futebol” (Faure e Suaud 1994), que ofereceu ao público francófono uma diversidade de textos com comparações internacionais, como o de José Sergio Leite Lopes e Jean-Pierre Faguer sobre a invenção do estilo brasileiro (Leite Lopes e Faguer 1994).

Na segunda metade dos anos 1990, os escritos resultantes das pesquisas do Centre Nantais de Sociologie [Centro de Sociologia de Nantes] trouxeram importantes contribuições ao conhecimento dos jogadores profissionais.³ O livro de Jean-Michel Faure e Charles Suaud e a tese de Hassen Slimani sobre o futebol profissional francês são

2 Ver o capítulo 6 de Ludovic Lestrelin neste livro.

3 Para elementos mais gerais sobre o lugar do esporte na “escola nantesa de sociologia”, ver, em especial, a entrevista concedida por Charles Suaud a Manuel Schotté para a revista *Savoir/Agir* (Suaud e Schotté 2016), bem como o relato de autoanálise de Gilles Moreau (Moreau 2022:117–136).

duas referências centrais nesse campo (Faure e Suaud 1999a, Slimani 2000). Esses autores se interessam prioritariamente pelo processo de profissionalização dos jogadores franceses. Utilizando a teoria dos campos de Pierre Bourdieu (Bourdieu 2022), eles descrevem as lógicas sociais envolvidas na autonomização do futebol profissional francês, enfatizando sobretudo seus vínculos com o Estado e com o campo econômico. O problema central desses trabalhos e a escala de análise adotada iluminam sobretudo as lutas sociais na regulação do futebol profissional francês.⁴ Assim, atribuem papel central ao sindicato dos jogadores profissionais — a Union Nationale des Footballeurs Professionnels [União Nacional dos Futebolistas Profissionais] (UNFP) — no reconhecimento da atividade como uma profissão legítima.

A UNFP foi criada em 1961 por iniciativa de Eugène N’Jo Léa, jogador camaronês do Olympique Lyonnais e estudante de Direito, em um contexto no qual os presidentes dos clubes tinham grande poder sobre os jogadores, sobretudo após a introdução em 1952 do “contrato vitalício”, que ligava os jogadores aos clubes até os 35 anos. N’Jo Léa tornou-se o primeiro secretário-geral do novo sindicato, e Just Fontaine, famoso atacante da seleção francesa que passou pelo liceu, seu presidente. Durante os anos 1960, as principais reivindicações do sindicato foram pela reforma do estatuto do jogador e pela

4 Desse ponto de vista, essas pesquisas evidenciam a dimensão heurística do conceito de campo para pensar os universos profissionais. Sobre esse aspecto, ver especialmente as análises de Maxime Quijoux (Quijoux 2015: 54-62).

criação de contratos com duração livremente determinada. Só em 1969 o contrato de duração determinada entrou em vigor. Insatisfeitos com os efeitos do novo contrato, porém, os dirigentes dos clubes impuseram, em julho de 1971, sem o acordo dos jogadores, uma duração mínima de cinco anos para o primeiro contrato assinado. Esse episódio estaria na origem de uma greve dos jogadores profissionais de futebol, em 1972, que resultou na adoção de um contrato de trabalho com duração determinada formalizado na Carta do Futebol Profissional, verdadeira convenção coletiva⁵ criada sob tutela do Estado em 1973. Na história social do futebol profissional francês, a possibilidade de assinar contratos por tempo determinado constitui, assim, uma importante conquista sindical.

Durante esse período, a UNFP foi a principal entidade de representação dos jogadores profissionais, permitindo-lhes afirmar sua atividade como um verdadeiro ofício. A partir dos anos 1980, porém, o papel do sindicato mudou devido às grandes transformações no futebol profissional francês (e mais amplamente, no futebol europeu). A chegada de novos dirigentes aos clubes (Claude Bez no Bordeaux, Jean-Luc Lagardère no Racing Paris e Bernard Tapie no Marseille), os importantes influxos de capitais (especialmente dos direitos de transmissão na televisão) e a livre circulação de jogadores

5 Uma convenção coletiva designa, na França, um acordo assinado pelas organizações patronais e pelos principais sindicatos de trabalhadores de um determinado setor, que se impõe posteriormente a todas as empresas que atuam nesse setor.

na Europa, após a Lei Bosman, de 1995,⁶ são fatores que promoveram maior individualização das carreiras e intensificaram a concorrência entre os jogadores. Nesse novo cenário do futebol profissional, o papel do sindicato se transforma: “[...] trata-se menos de constituir uma profissão autônoma e mais de remediar os danos de um sistema que fragiliza os jogadores” (Faure e Suaud 1999b: 223). Para muitos observadores, a UNFP passou a funcionar como um “sindicato de serviços” (Falcoz e Lefèvre 2016), que oferece, além dos tradicionais estágios de pré-temporada para jogadores desempregados, uma série de serviços adaptados às necessidades da profissão: seguros, consultoria financeira, gestão de carreira e reorientação profissional.

Focadas no campo do futebol profissional francês, as pesquisas do Centro de Sociologia de Nantes sugerem um programa mais amplo de comparação internacional sobre os modos de organização do futebol entre os países. Ainda que não ausentes, os elementos relativos ao exercício concreto da profissão de jogador aparece de forma secundária nesses estudos, devido à forte dimensão sócio-histórica do programa de pesquisa. Ainda assim, essas obras constituíram uma base valiosa de conhecimento sobre a origem e a estrutura do futebol profissional francês, servindo de referência para os sociólogos que

6 A Lei Bosman é uma decisão da Corte de Justiça das Comunidades Europeias (CJCE) que abordou dois aspectos centrais. Primeiro, anulou a regra que limitava a três o número de jogadores estrangeiros por clube, considerada uma barreira à mobilidade profissional dentro da Europa. Depois, estabeleceu que jogadores com contrato encerrado passavam a ter total liberdade para negociar com outros clubes, sem que a equipe de origem pudesse exigir qualquer compensação financeira, prática comum até então.

passaram a se interessar de forma mais direta pela vida profissional dos jogadores.

2. O DESENVOLVIMENTO DE ESTUDOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE ENTRADA NA PROFISSÃO DE JOGADOR DE FUTEBOL

Quando observamos o conjunto dos trabalhos sociológicos franceses que se dedicaram mais diretamente aos jogadores de futebol profissional desde o início do século XXI, constatamos a relativa importância das pesquisas voltadas às condições de entrada na profissão, realizadas com base em investigações com jogadores aprendizes envolvidos em instituições de formação.

O desenvolvimento dessas pesquisas se explica, primeiramente, pela centralidade dos centros de formação legitimados pelo Estado francês no acesso à profissão de jogador de futebol. Os estudos sócio-históricos realizados sobre a autonomização do futebol profissional francês demonstraram a centralidade da criação de um percurso de formação específico para a profissão de jogador de futebol nesse processo. A Carta do Futebol Profissional, assinada em 1973, obrigou os clubes a terem um centro de formação.⁷ Essa implementação foi promovida pelos dirigentes da federação, cujo poder é legitimado pelo Estado francês, que desde os anos 1960 investe e controla a produção das elites esportivas (Fleuriet 2004). Se a criação desse dispositivo de formação tinha, inicialmente, a ambição de ele-

⁷ Essa exigência foi suspensa em 2003.

var o nível do futebol francês, ela também visava limitar a autonomia dos jogadores, possibilitada pela introdução dos contratos de trabalho com duração livremente determinada (Slimani 2002). A partir dos 14 ou 15 anos, os jovens aprendizes que se engajam nesse caminho de formação passam a seguir uma “educação total” (Slimani 1997: 52), que combina escolarização e aprendizado do futebol. Eles também podem assinar contratos de formação, que são etapas antes da obtenção do *status* de jogador profissional e da assinatura de um contrato de trabalho. Em 2006, havia 32 centros aprovados pelo Estado que acolhiam 1.732 jogadores sob convenções de formação, dos quais quase metade tinha um contrato de formação (Bertrand 2008: 20). Desde o final dos anos 1980, essa política de formação foi reforçada com a criação de instituições chamadas de “pré-formação”, que recrutam a partir dos 12 ou 13 anos. Os jovens jogadores de futebol que nelas ingressam podem seguir um aprendizado racionalizado nos chamados “polos de esperança”, diretamente supervisionados pela Federação Francesa de Futebol, ou nas “seções de elite” dos clubes profissionais.⁸ Hoje, esse percurso institucionalizado de formação constitui a via privilegiada de acesso à profissão de jogador de futebol (Bertrand e Raseria 2014).

Além disso, o crescimento das pesquisas sobre o acesso à profissão de jogador de futebol geralmente se insere, de maneira mais ampla, no contexto do desenvolvimento de estudos voltados

8 Em 2010, havia treze “polos de esperança” e dezoito “seções de elite”.

às condições sociais do engajamento⁹ e/ou da vocação,¹⁰ bem como às socializações profissionais, majoritariamente analisadas com base no estudo de instituições que possuem a função explícita de formar indivíduos (Darmon 2006: 93). No campo mais restrito do esporte, esses estudos sobre os aprendizes jogadores de futebol participam de uma dinâmica de desenvolvimento das pesquisas sobre a sociogênese da vocação e da socialização das elites esportivas (Papin 2007; Lefèvre 2010; Forté 2020). Podemos insistir novamente na importância de Charles Suaud no desenvolvimento desses trabalhos. Tendo realizado uma sociologia da vocação sacerdotal no âmbito de sua tese de doutorado, orientada por Pierre Bourdieu, Charles Suaud transpôs suas reflexões teóricas para o campo do esporte e impulsionou toda uma série de pesquisas sobre vocações e socializações esportivas (Suaud e Schotté 2016).

Entre as diversas pesquisas realizadas com aprendizes jogadores (Bertrand 2012, Juskowiak 2019, Nazareth 2014), a conduzida por Julien Bertrand é sem dúvida a que obteve maior visibilidade no campo acadêmico francês. Sua obra dedicada à “fabricação” dos jogadores de futebol apresenta a investigação que realizou em sua tese de doutorado junto a aprendizes de um grande clube profissional francês (Bertrand 2012). Contra a ideia comum de que o acesso à profissão

9 Com destaque, na França, para o desenvolvimento de estudos sobre o engajamento político, marcado especialmente pelo texto programático de Olivier Fillieule (2001).

10 Veja-se, em especial, a publicação em 2017 da edição n. 168 da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, dedicada às vocações artísticas.

de jogador de futebol se explicaria pelo “talento”, pelo “dom”, pelo “mérito” etc. — categorias essencialmente a-sociológicas —,¹¹ Julien Bertrand busca objetivar os mecanismos sociais que presidem a produção social desses esportistas. Ele analisa as condições sociais da vocação de jogador de futebol (o sentimento de ser “feito para isso”) e a maneira como a instituição molda as disposições e saberes dos aprendizes. Seu trabalho se inscreve explicitamente na perspectiva teórica desenvolvida por seu orientador, Bernard Lahire, sociólogo da socialização cujos estudos dialogam criticamente com a obra de Pierre Bourdieu (Lahire 1998; 2001). O foco do estudo de Julien Bertrand e a pesquisa de campo realizada por ele produzem várias contribuições relevantes, algumas das quais bastante contraintuitivas. O autor mostra o efeito limitado da variável escolar no processo de direcionamento a essa formação de elite. Contrariando o estereótipo depreciativo dos jogadores de futebol, que costumam ser ridicularizados por uma suposta distância em relação à cultura legítima, Julien Bertrand destaca que os jovens recrutados por esse clube profissional apresentam, em geral, bom desempenho escolar em comparação com outros de sua faixa etária. Isso é ainda mais notável considerando que o futebol recruta majoritariamente nas classes populares, cujos integrantes são os mais prejudicados pela lógica escolar dominante (Thin 1998). Esse fato pode ser em parte explicado pela atenção que os recrutadores dão aos históricos esco-

11 Para uma crítica sociológica dessas noções, ver as reflexões de Manuel Schotté (2013).

lares dos candidatos, percebidos como indicadores de disposição para se ajustar à disciplina exigida pela instância entidade formadora de jogador profissional de futebol.

A questão das condições de acesso ao futebol profissional e dos modos de socialização durante a formação está, portanto, bastante bem documentada pela sociologia francesa. Vale destacar que uma das especificidades desse percurso formativo altamente seletivo reside no fato de que o acesso a posições economicamente e simbolicamente recompensadoras no mercado de trabalho futebolístico está longe de ser garantido, dada a forte concorrência. E é justamente esse o objeto de vários estudos, que se interessam pelas trajetórias de jovens jogadores não mantidos pelos clubes profissionais ao fim de sua formação, seja investigando as condições de sua permanência no mercado de trabalho do futebol (Bertrand e Ramera 2019, Tia 2019), seja examinando mais especificamente as condições de migração internacional com o objetivo de continuar a carreira futebolística em outros países (Preira 2019).

3. UMA SOCIOLOGIA DOS JOGADORES DE FUTEBOL ENQUANTO TRABALHADORES

Se as condições de entrada na profissão de jogador de futebol foram amplamente estudadas pelos sociólogos franceses desde o início do século XXI, o interesse pelos jogadores profissionais para além do ingresso na carreira, em contrapartida, tem sido objeto de bem menos trabalhos. À semelhança de outras elites, pode-se levan-

tar a hipótese de que as pesquisas sociológicas são mais difíceis de realizar com essa população considerada de difícil acesso. Esse é, por exemplo, um argumento apresentado por Stéphane Beaud para justificar por que ele recorreu principalmente a fontes jornalísticas e autobiográficas para investigar a greve dos jogadores da seleção francesa durante a Copa do Mundo de 2010 (Beaud e Guimard 2011). Foi com base em uma análise reflexiva sobre esses dados de segunda mão que ele conseguiu desenvolver uma investigação sociológica dessa ação coletiva.¹² Dito isso, essas dificuldades reais não tornam completamente inviável a realização de pesquisas junto a jogadores profissionais baseadas em dados de primeira mão. Assim como Martin Roderick (2017), interessei-me de perto pelos jogadores de futebol em sua condição de trabalhadores, seguindo um caminho já trilhado na França por sociólogos como Sébastien Fleuriel e Manuel Schotté, que apontaram tanto as dificuldades quanto os interesses em considerar os atletas como trabalhadores (Fleuriel e Schotté 2008). Eu gostaria de retomar aqui algumas das questões que nortearam minha pesquisa e os resultados a que elas levaram.

No âmbito de minha tese de doutorado, empreendi uma sociologia da profissão de jogador de futebol (Rasera 2012). Essa pesquisa doutoral foi possibilitada pela oportunidade que tive de ingressar em um clube profissional da *Ligue 2* (segunda divisão do futebol francês) para observar os jogadores em seu cotidiano de trabalho. Esse foi o ponto de partida de uma pesquisa de campo que durou vários anos

12 Ver a entrevista com Stéphane Beaud no capítulo 13.

e mobilizou diferentes ferramentas da metodologia etnográfica: observações diretas, inserção em redes de contato e confiança, entrevistas (principalmente com jogadores, mas também com membros da equipe técnica e médica, cônjuges, agentes etc.), além da coleta de documentos internos (como contratos de trabalho, por exemplo). Dois grandes eixos de pesquisa nortearam esse estudo. Por um lado, interessei-me pelas carreiras profissionais dos jogadores, buscando situá-las em suas trajetórias sociais mais amplas; por outro, pelo trabalho concreto desses atletas dentro dessa empresa do espetáculo que é um clube de futebol profissional. Esse segundo eixo resultou na publicação, em 2016, do livro *Des footballeurs au travail. Au cœur d'un club professionnel*, pela editora Agone (Rasera 2016).

Esse estudo pretende ser uma sociologia do trabalho dos jogadores profissionais de futebol. Ele os situa nas relações hierárquicas próprias à organização do trabalho dentro dessa atividade: longe da imagem hegemônica de atletas vivendo fora da realidade social, vê-se que os jogadores de futebol são, acima de tudo, “executantes”, contratados em regime de contrato a prazo determinado (CDD, na sigla em francês), em condições altamente individualizadas, colocados sob as ordens do treinador principal, que supervisiona seu trabalho com o apoio de uma comissão técnica e médica. A partir disso, procurei descrever as diferentes “dimensões oficiais do trabalho” (Avril, Cartier e Serre 2010: 26-27) que estruturam o cotidiano dos jogadores e revelam as múltiplas facetas da profissão. Esse olhar permite compreender, por exemplo, a enorme porosidade das fronteiras entre vida profissional e vida pessoal. Em nome das exigências

esportivas, os jogadores são submetidos a obrigações profissionais relativas à sua “higiene de vida”; demonstro como essas obrigações vêm acompanhadas da promoção de um modelo familiar tradicional, que gera desigualdades nas relações conjugais, pois as companheiras são relegadas a um papel de apoio material e afetivo ao trabalho de seus parceiros.

Preocupado em objetivar as restrições profissionais que pesam sobre esses atletas assalariados, também procurei compreender como eles se ajustam, na prática, a essas exigências. Como outros atletas de alto rendimento (Suaud 1996), os jogadores de futebol frequentemente utilizam a palavra “paixão” para descrever seu vínculo subjetivo com a profissão. No entanto, essa “paixão” não é sinônimo de um ajuste automático e mágico às pressões do trabalho. Diversos pesquisadores das ciências sociais mostraram que o trabalho não é um simples reflexo das exigências impostas pela organização do trabalho. Os trabalhadores, de fato, “desenvolvem saberes práticos, refinam as formas de organização, buscam preservar sua margem de manobra e resistem na prática, às vezes de forma organizada, outras vezes de maneira mais latente, à dominação cotidiana” (Fournier *et al.* 2008). Uma das virtudes de uma investigação etnográfica que confere um lugar central à observação direta é justamente captar esse *continuum* de práticas informais para tentar entender seu significado através da palavra dos pesquisados (Schwartz 1993). Nesse sentido, a possibilidade de acompanhar os jogadores tanto em seu ambiente profissional quanto fora dele foi fundamental para objetivar suas práticas e compreender seus sentidos. A título de exem-

plo, por trás da forte exigência de dedicação ao “coletivo”, observei com frequência, nos bastidores, formas de resistência por parte dos jogadores, que expressavam com mais liberdade interesses individuais. É o caso de jogadores que, quase sempre no banco de reservas, torcem pela derrota da equipe na esperança de que o técnico realize mudanças e os escale como titulares na próxima partida.

Busquei, portanto, compreender a realidade das práticas de trabalho dos jogadores de futebol, estudar suas formas concretas e captar seu significado. E me esforcei para explicitar as condições sociais que tornam essas práticas possíveis, reinserindo-as em trajetórias sociais. Nessa perspectiva, eu quis construir uma sociologia do trabalho dos jogadores de futebol atenta às condições de socialização dos atletas, o que me levou, entre outras coisas, à realização de entrevistas biográficas aprofundadas, visando captar a sociogênese de suas disposições (Lahire 2005). Também me mantive atento aos contextos nos quais os jogadores atuam: mostro, por exemplo, que não se pode interpretar as práticas desses trabalhadores esportivos sem levar em conta sua posição fundamentalmente instável dentro do grupo de trabalho com o qual convivem diariamente, ou ainda sua condição em um mercado de trabalho particularmente incerto. A importância de se considerar conjuntamente socialização e contextos (Lahire 2012) aparece de maneira especialmente clara no estudo da relação que os jogadores de futebol mantêm com seus corpos. A socialização profissional os levou a desenvolver uma relação com o corpo que mistura instrumentalização e escuta, guiada pela preocupação de “usar o corpo sem desgastá-lo”, para retomar uma

expressão de Loïc Wacquant a respeito dos boxeadores (Wacquant 2002). Mas os contextos em que se encontram podem obrigá-los a ajustar essas práticas, como no caso de jogadores que sabem que deveriam parar de jogar por conta de problemas físicos que ameaçam sua saúde e desempenho, mas que, por estarem em posição frágil no mercado de trabalho, sentem-se obrigados a fazer de tudo para permanecer visíveis socialmente (“se mostrar”).

4. O PÓS-CARREIRA DOS JOGADORES DE FUTEBOL: QUESTÕES DA PESQUISA EM ANDAMENTO

Para finalizar, gostaria de voltar aos desafios e questionamentos de uma pesquisa de longo prazo que iniciei há vários anos sobre os destinos dos jogadores profissionais de futebol após o término de suas carreiras esportivas. Ao dar continuidade à pesquisa etnográfica que desenvolvi para minha tese de doutorado, decidi realizar um acompanhamento longitudinal desses atletas ao longo do tempo para compreender sua atuação depois da carreira no esporte. Assim, retomei contato com cerca de vinte atletas e realizei entrevistas com eles, algumas até dez anos depois do fim da carreira, complementando a análise com outras fontes (entrevistas com representantes sindicais envolvidos na ajuda à transição de carreira e com companheiras de jogadores, entre outras).

Um primeiro eixo dessa pesquisa visa compreender a perspectiva de futuro desses atletas profissionais com o futuro enquanto ainda estão em atividade. Nesse sentido, questiono inicialmente a relação

que eles mantêm com a transição profissional, mostrando como esse horizonte se torna evidente para os jogadores — independentemente da diversidade de suas trajetórias esportivas — à medida que eles se aproximam do fim da carreira. Essa percepção pode acontecer por diferentes motivos, envolvendo tanto questões financeiras quanto aspectos simbólicos. Diante da pressão para antecipar a transição de carreira, procuro entender as condições sociais que permitem esse tipo de investimento durante a trajetória profissional dos atletas. Observei, por exemplo, o papel central do sindicato dos jogadores profissionais, que realiza um trabalho de mobilização nesse sentido ao oferecer uma série de cursos que reintroduzem a lógica escolar na vida desses atletas (Giraud, Moraldo e Rasera 2024). Outro aspecto que orienta esse primeiro eixo de pesquisa: o estudo das estratégias de acumulação econômica ao longo da carreira. Além do simples fato de que o universo profissional é extremamente desigual economicamente, com possibilidades de renda muito variáveis (Arrondel e Duhautois 2022), trata-se de estudar de perto as práticas econômicas dos jogadores para compreender as condições de acumulação patrimonial. Interesse-me especialmente pelas relações estabelecidas com o dinheiro ao longo do tempo, que envolvem morais econômicas — gastar *versus* poupar —, e podem variar muito conforme a posição social. Também analiso os tipos de investimentos que os jogadores realizam, destacando o papel central que os investimentos imobiliários para locação ocupa nesse grupo profissional.

Um segundo eixo da pesquisa, também de longo prazo, aborda a mobilidade profissional dos jogadores, do exercício da profissão

esportiva aos caminhos seguidos na reconversão profissional. Para além da mera referência ao envelhecimento biológico dos corpos esportivos, um dos desafios é explicar as condições sociais que levam ao término da carreira esportiva, identificando uma série de forças que pesam sobre a trajetória profissional. Também procuro entender os percursos profissionais após a carreira de jogador de futebol e a maneira como esses atletas os vivenciam, segundo suas disposições e seus recursos. Isso me leva a analisar os mecanismos sociais que, por um lado, influenciam a permanência ou não no mundo do trabalho futebolístico e, por outro, moldam as experiências subjetivas da mobilidade social (Duru-Bellat e Kieffer 2006). Meu trabalho leva-me especialmente a reconsiderar a hipótese de uma “miséria de posição” associada ao fim da carreira esportiva (Fleuriel e Schotté 2011), a fim de evidenciar as diferentes maneiras com que os atletas se relacionam com as posições sociais que conquistaram.

Por fim, um terceiro e último eixo dessa pesquisa se interessa mais especificamente pelos estilos de vida dos jogadores após o fim da carreira esportiva. Embora a prática do futebol profissional seja particularmente estruturante dos estilos de vida desses atletas, como eles se reconstroem depois da carreira?¹³ Um primeiro objetivo é compreender os efeitos da saída de uma profissão potencialmente muito lucrativa sobre o padrão de vida. Na contramão das imagens midiáticas dominantes, que frequentemente destacam,

13 Para uma análise dos efeitos das bifurcações profissionais sobre os estilos de vida, ver especialmente o trabalho de Sophie Denave (2015).

não sem certo sensacionalismo e moralismo, casos de jogadores que enfrentam dificuldades econômicas com o fim da carreira esportiva profissional,¹⁴ a pesquisa busca investigar de perto a diversidade dos níveis de vida desses ex-atletas para entender como eles se ajustam à nova realidade.¹⁵ Dependendo dos recursos econômicos disponíveis, provenientes da nova atividade profissional, da atividade da companhia, ou de rendimentos patrimoniais, a pesquisa mostra que os ex-jogadores de futebol podem ser economicamente afetados de maneiras muito diferentes pela saída da profissão.

Outro ponto de investigação, com importantes implicações sociológicas, é a situação conjugal dos ex-jogadores depois da carreira esportiva. Em trabalhos anteriores, mostrei que o familismo era particularmente valorizado pelos jogadores profissionais enquanto estavam em atividade (Rasera 2016). Um desafio é entender como esse sentimento pode evoluir ao longo do tempo em função da situação conjugal. A família pode constituir um recurso central, funcionando como um verdadeiro “universo de consolo” (Guérait 2021) para jogadores que vivem a transição de carreira como um declínio social. Além disso, considerando que os casais que os jogadores formavam durante a carreira funcionavam majoritariamente como “equipes conjugais” (De Singly e Chaland 2002), marcadas por uma

14 Por exemplo, “Football: enquête sur ces joueurs ruinés”, Le Parisien, 17 mai. 2016. <https://www.leparisien.fr/sports/football/football-enquete-sur-ces-joueurs-ruines-17-05-2016-5803593.php>

15 Para compreender como os indivíduos se ajustam a mudanças em suas condições econômicas de vida, ver os estudos de Pierre Blavier (2018).

forte assimetria, em que as companheiras realizavam um trabalho de apoio material e afetivo à carreira esportiva do parceiro, o que acontece quando essa carreira termina?

O último elemento dos estilos de vida que me interessou foram os lares dos ex-jogadores de futebol. Durante a carreira, devido às condições de emprego e trabalho marcadas por grande incerteza e flexibilidade, os jogadores de futebol dedicam seu tempo livre principalmente à família ou a círculos de amigos ligados ao futebol profissional (Rasera 2022). O que acontece depois da carreira? Que grupos sociais esses ex-atletas conseguem integrar? Considerando que o futebol profissional recruta principalmente nas classes populares e nas pequenas classes médias, a questão é saber se esses atletas oriundos das camadas mais baixas do espaço social conseguiram “atravessar fronteiras sociais” (Pasquali 2014) e ingressaram, depois da carreira esportiva profissional, em redes de sociabilidade distantes de seu meio de origem. Também investigo a natureza das práticas culturais desses ex-jogadores, a começar pela relação que eles mantêm com atividades físicas e esportivas. Visto que as condições do trabalho esportivo (especialmente as obrigações contratuais) limitavam muito o investimento dos jogadores em esportes de lazer (com exceção do golfe, para alguns, visto como de pouco gasto energético), trata-se de entender em que medida, e sob quais condições, o fim da prática profissional do futebol pode vir acompanhado por um maior envolvimento em outras atividades físicas e esportivas, e de que forma. Aqui se coloca, de modo particularmente agudo, a questão das condições sociais que permitem a transferência das dis-

posições e do gosto pelo futebol, construídos ao longo de uma longa carreira, para outras práticas.

CONCLUSÃO

Ao fim deste rápido panorama acerca do olhar que os sociólogos franceses lançaram sobre o exercício da profissão de jogador de futebol, e sobre a forma como eu próprio me interessei pelo tema, gostaria de concluir destacando dois pontos. Assim como observa Julien Sorez a respeito da história do futebol, parece-me importante sublinhar que a sociologia da profissão de jogador de futebol se desenvolveu na França relativamente à margem do ramo universitário STAPS (Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas). Pode-se ver nisso um efeito da baixa legitimidade atribuída ao futebol entre pesquisadoras e pesquisadores especializados em esporte, num prolongamento da postura adotada por professores de Educação Física em relação a essa prática (Hebert 2018). Deve-se também destacar o papel central desempenhado por sociólogos estabelecidos, que inicialmente trabalharam com temas distantes do futebol — como Charles Suaud e Stéphane Beaud — e que tiveram ao se dedicar posteriormente a essa área, impulsionando pesquisas e talvez ajudando a temática a conquistar legitimidade acadêmica.

Em segundo lugar, não me parece exagerado afirmar que os trabalhos sociológicos franceses sobre a profissão de jogador de futebol se inserem até então principalmente — mas não exclusivamente — em uma tradição estrutural e disposicional largamente inspirada

na obra de Pierre Bourdieu. Os sociólogos que se interessaram pelos jogadores profissionais recorreram amplamente a um *corpus* teórico focado nas condições de socialização dos indivíduos e, de forma mais abrangente, nas relações de dominação nas quais eles estão inseridos. Isso faz eco à importância central que Pierre Bourdieu teve no desenvolvimento da sociologia do esporte na França (Clément 1994; Collinet 2002). No caso particular do futebol, vimos a relevância da “escola nantesa de sociologia”, representada especialmente por Charles Suaud, que escreveu sua tese sobre a vocação sacerdotal orientado por Bourdieu. Desde o final dos anos 2000, desenvolve-se na França uma sociologia do trabalho e das profissões que se inscreve nessa tradição estrutural e disposicional (Avril, Cartier e Serre 2010; Quijoux 2015; Pichonnaz e Toffel 2021). As pesquisas sobre jogadores profissionais de futebol acompanham claramente essa tendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRONDEL, Luc e Richard Duhautois. 2022. *L'Argent du football: L'Europe*. v. 2. Collection du Cepremap 60. 62. Paris: Rue d'Ulm.

AVRIL, Christelle, Marie Cartier e Delphine Serre. 2010. *Enquêter sur le travail: concepts, méthodes, récits*. Collection Grands Repères. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Philippe Guimard. 2011. *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des bleus en Afrique du Sud*. Collection Cahiers libres. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane, e Frédéric Rasera. 2020. *Sociologie du football*. Collection Repères. Paris: La Découverte.

BÉRARD, Christophe. 2016. “Football: enquête sur ces joueurs ruinés”. *Le Parisien*, 17 mai. <https://www.leparisien.fr/sports/football/football-enquete-sur-ces-joueurs-ruines-17-05-2016-5803593.php>.

BERTRAND, Julien. 2008. “La fabrique des footballeurs. Analyse sociologique de la construction de la vocation, des dispositions et des savoir-faire dans une formation au sport professionnel”. *La vie des idées*, Lyon, 30 jun.

BERTRAND, Julien. 2012. *La fabrique des footballeurs. Corps, santé, société*. Paris: Éditions La Dispute.

BERTRAND, Julien e Frédéric Rasera. 2014. “Entrées dans le football professionnel”. *Sciences sociales et sport*, 7(1): 101-103.

BERTRAND, Julien e Frédéric Rasera. 2019. “Au-delà du miracle et de la chute: jeunesses populaires et formation au métier de footballeur”. In: FAURE, Sylvia e Daniel Thin. *S’en sortir malgré tout. Parcours en classes populaires*. Paris: La Dispute. 131-151.

BLAVIER, Pierre. 2018. “Les réaménagements de la consommation en contexte de récession”. *Revue française de sociologie*, 59(1): 7-36.

BOURDIEU, Pierre. 2022. *Microcosmes: théorie des champs*. Microcosmes, vol. 1. Paris: Raisons d’Agir.

BROMBERGER, Christian, Alain Hayot e Jean-Marc Mariottini. 1995. *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Collection Ethnologie de la France 16. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.

CLEMENT, Jean-Paul. 1994. « les apports de la sociologie de Pierre Bourdieu à la sociologie des sports », *Staps*, 35, pp. 41-49.

COLLINET, Cécile. 2002. "Le sport dans la sociologie française". *L'Année sociologique*, 52(2): 269-295.

DARMON, Muriel. 2006. *La socialisation*. Paris: A. Colin.

DE SINGLY, François e Karine Chaland. 2002. "Avoir le 'second rôle' dans une équipe conjugale: Le cas des femmes de préfet et de sous-préfet". *Revue Française de Sociologie*, 43(1): 127.

DENAVE, Sophie. 2015. *Reconstruire sa vie professionnelle: sociologie des bifurcations biographiques*. Le lien social. Paris: Presses Universitaires de France.

DURU-BELLAT, Marie e Annick Kieffer. 2006. "Les deux faces – objective/subjective – de la mobilité sociale". *Sociologie du travail*, 48(4): 455-473.

FALCOZ, Marc e Nicolas Lefèvre. 2016. "Représenter les sportifs professionnels: entre militantisme apolitique et syndicalisme de service". *Staps*, 113(3): 7-20.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994. "Les enjeux du football". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 103: 3-6.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1999a. *Le football professionnel à la française*. Sociologie d'aujourd'hui. Paris: Presses Universitaires de France.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1999b. "Les footballeurs professionnels en France: l'éclatement d'une corporation". *Cahiers de l'Insep*, 25(1): 207-228.

FILLIEULE, Olivier. 2001. "Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. Post scriptum". *Revue française de science politique*, 51(12): 199-215.

FLEURIEL, Sébastien. 2004. *Le sport de haut niveau en France: sociologie d'une catégorie de pensée*. Sports, cultures, sociétés. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2008. Sportifs en danger: la condition des travailleurs sportifs. Savoir/Agir. Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2011. "La reconversion paradoxale des sportifs français: Premiers enseignements d'une enquête sur les sélectionnés aux jeux olympiques de 1972 et 1992". *Sciences sociales et sport*, 4-(1): 115-140.

FORTÉ, Lucie. 2020. *Devenir athlète de haut niveau: une approche sociologique de la formation et du développement de l'excellence sportive*. Sports en Société. Paris: L'Harmattan.

FOURNIER, Pierre, Nicolas Hatzfeld, Cédric Lomba e Séverin Muller.

2008. “Étudier le travail en situation”. In: ARBORIO, Anne-Marie, Yves Cohen, Pierre Fournier, Nicolas Hatzfeld, Cédric Lomba, e Séverin Muller. *Observer le travail. Histoire, ethnographie, approches combinées*. Paris: La Découverte. 7-21.

GIRAUD, Frédérique, Delphine Moraldo e Frédéric Rasera. 2024. “Retourner en formation à l’âge adulte: les ressorts sociaux d’une expérience ‘scolaire’”. *Diversité. Revue d’actualité et de réflexion sur l’action éducative*, n. 205 (nov.).

GUÉRAUT, Élie. 2021. “Retour à Lergnes. Les mobilités professionnelles contrariées de jeunes diplômées des Beaux-Arts”. *Genèses*, 122(1): 107-126.

HEBERT, Thibaut. 2018. “Les pratiques sociales de référence en questions. Le cas du football en éducation physique et sportive”. *Staps*, 120(2): 45-61.

JUSKOWIAK, Hugo. 2019. *Un pour mille, l’incertitude de la formation au métier de footballeur professionnel*. Cultures sportives. Arras: Artois Presses Université.

LAHIRE, Bernard. 1998. *L’homme pluriel: les ressorts de l’action*. Essais et recherches. Paris: Nathan.

LAHIRE, Bernard. 2001. *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques*. Paris: La Découverte.

LAHIRE, Bernard. 2012. Ed. rev. e Aum. *Monde pluriel: penser l’unité des sciences sociales*. La couleur des idées. Paris: Édition du Seuil.

- LEFÈVRE, Nicolas. 2010. “Construction sociale du don et de la vocation de cycliste”. *Sociétés contemporaines*, 80(4): 47-71.
- LEITE LOPES, José Sergio e Jean-Pierre Faguer. 1994. “L’invention du style brésilien”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 103: 27-35.
- MOREAU, Gilles. 2022. *S’asseoir et se regarder passer: itinéraire(s) d’un sociologue de province*. Paris: La Dispute.
- NAZARETH, Cyril. 2014. “‘Faire quelque chose de bien dans le foot’: une stratégie familiale d’accès à l’espace du football professionnel français”. *Sciences sociales et sport* 7(1): 139-165.
- PAPIN, Bruno. 2007. *Conversion et reconversion des élites sportives: approche socio-historique de la gymnastique artistique et sportive*. Sports en société. Paris: L’Harmattan.
- PASQUALI, Paul. 2014. *Passer les frontières sociales: comment les filières d’élite entrouvrent leurs portes*. Paris: Fayard.
- PICHONNAZ, David e Kevin Toffel. 2021. “Pour une sociologie structurale du travail”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 240(5): 4-13.
- PREIRA, Pascal. 2019. *Durer dans le métier. La carrière des footballeurs français ordinaires émigrés en Grande-Bretagne*. Paris: EHESS.
- QUIJOUX, Maxime. 2015. *Bourdieu et le travail. Le sens social*. Rennes: PUR.

RASERA, Frédéric. 2012. “Le métier de footballeur. Les coulisses d’une excellence sportive”. Lyon: Université Lyon 2.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail: au cœur d’un club professionnel*. L’ordre des choses. Marseille: Agone.

RASERA, Frédéric. 2022. “Des puissants effets de l’appartenance professionnelle sur la sociabilité amicale. Enquête auprès d’un collectif de footballeurs professionnels”. *Genèses*, 127(2): 83-104.

RODERICK, Martin. 2017. *The work of professional football: a labour of love?* New York: Routledge.

SCHOTTÉ, Manuel. 2013. “Le don, le génie et le talent : Critique de l’approche de Pierre-Michel Menger”. *Genèses*, 93(4): 144-164.

SCHOTTÉ, Manuel. 2022. *La valeur du footballeur: socio-histoire d’une production collective*. Culture et Société. Paris: CNRS Éditions.

SCHWARTZ, Olivier. 1993. “L’empirisme irréductible”. In: *Le hobo. Sociologie du sans-abri*. Paris: ..

SLIMANI, Hassen. 1997. “Les deux dimensions constitutives d’un capital sportif ‘à la française’: entre éducation et compétition. L’exemple de la formation professionnelle dans les clubs de football en France”. *Lendemain*, 88: 51-68.

SLIMANI, Hassen. 2000. “La professionnalisation du football français. Un modèle de dénégation”. Tese de doutorado em Sociologia – Université de Nantes.

SLIMANI, Hassen. 2002. «Le système de formation des joueurs français ou la morale fédérale face à l'économie du football professionnel». In: *Panoramiques*, (pp 78-84).SUAUD, Charles. 1996. "Les états de la passion sportive. Espaces médiatiques et émotions". *Recherches en Communication*, 5: 29-45.

SUAUD, Charles e Manuel Schotté. 2016. "Les heureux hasards de l'habitus". *Savoir/Agir*, 38(4): 69-81.

THIN, Daniel. 1998. *Quartiers populaires: l'école et les familles*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

TIA, Pierre-Cédric. 2019. "Les paradoxes de l'excellence. Enquête sociologique dans le footballariat hexagonal". Tese de doutorado em Sociologia – Paris: Université Paris-Saclay.

WACQUANT, Loïc. 2002. *Corps & âme: carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*. 2. ed. rev. e aum. Mémoires sociales. Marseille: Agone.